

Carta 4T25

Brasil
capital

Prezados investidores,

No 4º trimestre de 2025, o Brasil Capital FIA (BC FIA) e o Brasil Capital Institucional 30 FIA apresentaram queda de -2,5% e -2,6%, respectivamente, enquanto o Ibovespa subiu 5,3%. No acumulado do ano, os fundos apresentaram uma performance de 19,7% e 19,2%, respectivamente, versus um Ibovespa de 34,0% no mesmo período.

Retornos BC FIA			
	4T25	2025	Retorno Anualizado*
BC FIA	-2,5%	19,7%	17,5%
IGPM+6%	1,4%	5,1%	13,1%

Retornos BC 30 FIA			
	4T25	2025	Retorno Anualizado**
BC Institucional 30 FIA	-2,6%	19,2%	8,9%
IBOV	10,7%	34,0%	8,0%

Fonte: Brasil Capital e Bloomberg

Janelas referentes ao fechamento de dezembro/25

*Retorno anualizado desde o Início do Fundo BC FIA: 13/10/2008

**Retorno anualizado desde o Início do Fundo BC 30 FIA: 27/08/2012

O ano de 2025 foi marcado por elevada volatilidade nos mercados globais, em grande parte decorrente da mudança na direção da política econômica sob a nova administração de Donald Trump. Apesar das incertezas iniciais e das consequências das medidas anunciadas logo no início do mandato, os mercados globais encerraram o ano com desempenho positivo.

Nos Estados Unidos, o S&P 500 acumulou uma valorização de 16,4% em 2025, sustentado principalmente pela forte contribuição do tema de inteligência artificial, que continuou a impulsionar os resultados e as expectativas de crescimento das principais empresas do índice.

No mercado local, o Ibovespa se destacou como uma das melhores performances entre os mercados emergentes, acumulando alta de 34,0% em reais e 50,9% em dólares. O índice reverteu de forma expressiva o pessimismo observado ao final de 2024, atingindo sua máxima histórica em torno de 160 mil pontos. Ao longo de 2025, o dólar teve uma desvalorização significativa de 11% em relação ao real.

Na tabela a seguir é possível ver o desempenho de alguns dos principais índices ao longo de 2025.

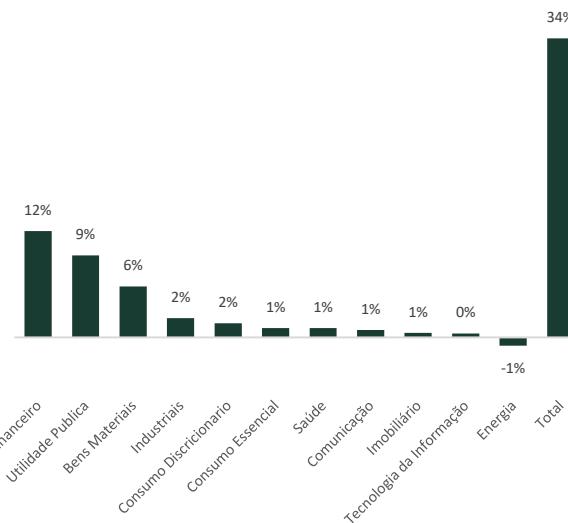
Retorno em 2025

	1T25	2T25	3T25	4T25	2025
Ibovespa	8,3%	6,6%	5,3%	10,7%	34,0%
SMLL	10,6%	16,1%	1,8%	2,7%	30,7%
S&P	-4,6%	10,6%	7,8%	2,3%	16,4%
Dólar	-7,3%	-5,0%	-2,5%	3,5%	-11,1%
Índice Commodities	2,0%	3,9%	-4,0%	-1,1%	0,6%
DI 10 anos	-0,1	-1,6	0,2	0,0	-1,43
Juros Americanos 10 anos	-0,4	0,0	-0,1	0,0	-0,4

Fonte: Bloomberg.

Conforme mencionado anteriormente, o Ibovespa atingiu sua máxima histórica em 2025 e registrou o melhor desempenho anual desde 2016. Ainda assim, é importante destacar que essa performance excepcional foi, em grande medida, impulsionada por fatores globais. O ano foi marcado por um ambiente mais favorável aos mercados emergentes, com destaque para o enfraquecimento do dólar e para a intensificação do movimento de rotação global de portfólios, que beneficiou os ativos brasileiros por meio de fluxos relevantes de capital estrangeiro. Ao longo do ano, o investidor estrangeiro alocou mais de R\$ 25,5 bilhões na bolsa brasileira. Além disso, merece destaque a elevada dispersão setorial observada na performance do índice ao longo do ano. Os setores de utilidades públicas e financeiro apresentaram desempenhos significativamente superior à média, conforme ilustrado no gráfico a seguir. Em contrapartida, o setor de energia teve um desempenho negativo no período, impactado, em especial, pela queda de aproximadamente 5% das ações da Petrobras ao longo do ano.

Contribuição Setorial do Ibovespa – 2025



Fonte: Bloomberg.

A performance do mercado brasileiro no quarto trimestre de 2025 foi extremamente robusta, destoando dos mercados globais, que permaneceram praticamente estáveis ao longo do período. Em particular, o mês de novembro apresentou valorização expressiva, impulsionada sobretudo por fatores domésticos, que passaram a exercer maior influência sobre a precificação dos ativos locais. Em dezembro, por sua vez, o aumento dos ruídos políticos relacionados às eleições presidenciais de 2026 elevou a volatilidade dos mercados. Ainda assim, esse movimento não alterou de forma relevante a trajetória de curto prazo dos ativos, que se manteve consistente com o cenário observado ao longo do trimestre.

Brasil 2025 > 2026

Iniciamos 2025 sob um cenário turbulento e marcado por elevado pessimismo em relação ao Brasil, com projeções de deterioração dos mercados. Ao longo do ano, contudo, esse quadro foi gradualmente revertido, e encerramos o período com performance positiva para a maior parte dos ativos locais.

Para 2026, esperamos um ambiente global caracterizado por desafios fiscais e pela persistência de incertezas geopolíticas, impulsionadas, em especial, pelas políticas adotadas pelo presidente Trump.

No mercado local, é amplamente reconhecido que anos eleitorais tendem, historicamente, a ser marcados por maior volatilidade e incerteza. Nesse contexto, acreditamos que o período à frente deverá novamente apresentar episódios de turbulência, mas também oferecer oportunidades relevantes. Entendemos que os fatores domésticos devem ganhar protagonismo ao longo do ano, com implicações

construtivas para a bolsa brasileira, sustentadas por alguns vetores importantes: (i) a perspectiva de flexibilização do ciclo monetário no Brasil; (ii) o processo eleitoral presidencial, que pode se mostrar determinante para avanços estruturais no país; (iii) *valuations* ainda bastante comprimidos — mesmo após a alta recente, o Ibovespa segue negociando a múltiplos inferiores à sua média histórica; e (iv) fundamentos corporativos que permanecem sólidos.

Se houve uma lição clara deixada por 2025, foi a importância de permanecer consistentemente investido, dado o elevado grau de dificuldade em antecipar movimentos de grande magnitude nos mercados. Como bem resumiu Peter Lynch, *"The only problem with market timing is getting the timing right."*

Portfólio Brasil Capital e Oportunidades

Ao longo de 2025, mantivemos uma postura disciplinada na gestão do portfólio, priorizando companhias com fundamentos sólidos, elevada geração de caixa e estruturas de capital robustas, características que permitem atravessar ciclos adversos sem destruição permanente de valor.

Conscientes dos desafios que ainda se apresentam no horizonte, mas igualmente atentos às oportunidades que costumam emergir em ambientes de elevada incerteza, seguimos com um portfólio majoritariamente investido e equilibrado entre empresas voltadas ao mercado doméstico e exportadoras, sempre guiados por uma abordagem de investimento fundamentada na análise de valor intrínseco e na busca por assimetrias favoráveis entre risco e retorno.

Por fim, seguimos confiantes na capacidade do portfólio de gerar valor ao longo do tempo, ancorados em empresas líderes em seus respectivos setores, com vantagens competitivas sustentáveis, gestão alinhada aos interesses dos acionistas e margens de segurança adequadas nos preços de entrada. Em nossa visão, períodos de maior incerteza costumam ser justamente aqueles em que se constroem as bases para retornos diferenciados no longo prazo.

Performance no ano

A performance do fundo em 2025 ficou aquém do que esperávamos, resultado majoritariamente explicado por fatores micro de algumas teses específicas. Além disso, conforme mencionado acima, um fator relevante que prejudicou a performance foi a opção por manter, ao longo do ano, um portfólio mais exposto a commodities e, consequentemente, mais dolarizado. Em um ano marcado pela valorização do real frente ao dólar, as posições em empresas exportadoras — em especial SLC Agrícola, Suzano e Jalles —

acabaram funcionando como âncoras de desempenho para o portfólio, apesar de permanecerem fundamentadas em premissas sólidas de longo prazo.

Em termos de contribuição para a performance do ano, os principais destaques positivos vieram de Equatorial, Track & Field e Localiza. Por outro lado, as maiores detratadoras de performance foram Grupo Mateus, Hapvida e Jalles, respectivamente.

Contribuições Positivas no Trimestre

Contribuições Positivas no Trimestre (%)	
Equatorial	1,0%
Suzano	0,7%
Localiza	0,5%

A Equatorial foi a principal contribuidora de performance do portfólio no 4º trimestre de 2025 e ao longo de todo o ano. A performance da empresa reflete, do ponto de vista microeconômico, a execução consistente do plano estratégico do grupo, com evolução operacional robusta nas distribuidoras — destaque para a continuidade da redução de perdas, melhora dos indicadores de qualidade e disciplina regulatória demonstrado no resultado do 3T25 divulgado em novembro — além da conclusão da venda dos ativos de transmissão no trimestre e do avanço relevante na agenda de saneamento. A companhia seguiu demonstrando elevada capacidade de gestão de ativos complexos, com foco em eficiência, captura de sinergias e reciclagem de capital, reforçando sua tese como operador de referência em infraestrutura regulada no Brasil.

No saneamento, a Sabesp, já sob a nova governança da Equatorial, apresentou avanços claros na execução do *turnaround* operacional cumprindo todas as metas de universalização previstas para 2025, com aceleração do *capex* contratado, racionalização de custos e melhoria da previsibilidade regulatória com a divulgação da revisão tarifária. Mesmo diante de desafios setoriais pontuais, como o *curtailment* na geração renovável, o portfólio diversificado e a predominância de receitas reguladas seguiram sustentando resultados resilientes e previsíveis.

Nesse ambiente de volatilidade constante, ativos com geração de caixa estável, visibilidade de longo prazo, proteção regulatória e comprovada capacidade de execução passaram a ser progressivamente reprecificados, a Equatorial se beneficiou dessa rotação para o setor de *utilities*, apesar da *underperformance* dentro do setor, vemos o ativo desconrado em termos de *valuation*, ao mesmo tempo em que preserva optionalidade de crescimento via novos leilões, *M&As*

e expansão em saneamento. Seguimos com posição relevante no fundo, confiantes na excelência operacional, na disciplina de capital e na capacidade do grupo de continuar gerando valor consistente aos acionistas.

A Suzano foi a segunda maior contribuições positivas no trimestre. Além da depreciação do Real devido à divulgação de pesquisas de intenção de voto para as Eleições Presidenciais de 2026, o momento de preços de celulose ficou mais construtivo, com as companhias do setor repassando 3 aumentos sucessivos de US\$20/t e tentando um 4º nesse começo de ano, beneficiado por (i) sazonalidade dado o maior consumo nesse período do ano, (ii) demanda na ponta mais forte que o esperado e (iii) aumento do preço de substitutos à celulose.

Ainda no trimestre, a companhia realizou o seu *Investor Day*, reforçando a mensagem de que olham um mercado bem equilibrado entre oferta e demanda dado a entrada de novas capacidades nos próximos anos, mas que nesse patamar de preços atual grande parte dos produtores estão rodando abaixo da marca d'água em termos de rentabilidade o que deve acarretar mais fechamentos, bem como incentivar o movimento *fiber-to-fiber* de celulose fibra longa para fibra curta. Vemos a Suzano muito bem-posicionada nessas tendências, por ser hoje o produtor mais competitivo em termos de custo caixa e por surfar na veia essa troca de fibras.

Outro ponto bastante relevante do evento foi o reforço da mensagem de disciplina de capital. Após a *joint venture* anunciada com a Kimberly-Clark no início do ano, a companhia não enxerga novas alocações relevantes de capital no curto prazo, devendo seguir uma trajetória de desalavancagem e retorno a uma estrutura de capital mais adequada. Tal plano é auxiliado por redução de custos e G&A (o *rampup* de novas plantas reduz o raio médio da companhia) e pela venda de ativos *non core*.

Seguimos otimistas com a Suzano, em que o fato de ser a empresa mais competitiva a nível global no segmento em que atua e por ter exposição da maior parte de sua receita a moeda forte a torna muito resiliente. Olhando para os outros elementos da tese, vemos uma forte margem de segurança, em que a *commoditie* está em patamares de preço abaixo do custo marginal, e em termos de *valuation* a companhia está negociando abaixo do seu múltiplo histórico, de forma que vemos grande potencial de valorização do *equity*.

A Localiza foi a terceira maior contribuidora de performance do fundo no trimestre. Apesar de um início de ano em que a ação ficou pressionada por um discurso mais conservador da companhia e por receios relacionados à venda de

seminovos e à depreciação da frota em um cenário macroeconômico ainda desafiador, o trimestre marcou um ponto importante de inflexão. O resultado do 3T25 confirmou que as principais variáveis de risco seguem sob controle: o aluguel apresentou dinâmica saudável, com boa ocupação e repasses de preço ainda viáveis (apesar da já sabida a desaceleração no crescimento da receita, que avançou “apenas” 8% no trimestre), além de uma boa geração de caixa, de forma que a companhia conseguiu reduzir o endividamento mesmo com expansão de frota. Além disso, os preços de veículos usados mostraram comportamento mais benigno, reduzindo temores de novas revisões negativas na depreciação e reforçando a leitura de que o pior do ciclo dos últimos anos ficou para trás, aumentando a confiança de que a companhia está no caminho certo para recompor seus retornos versus seu custo de capital para patamares em linha com seu histórico, que sempre foi - e segue sendo - o cerne da nossa tese.

Seguimos construtivos com o papel, sobretudo pelo potencial de crescimento de resultados à frente. Mesmo em um cenário conservador de crescimento de receita, a Localiza apresenta espaço relevante para expansão de *earnings* à medida que melhora o retorno sobre o capital já investido, sem necessidade de crescimento agressivo de frota, além do efeito positivo da redução do endividamento. A companhia carrega ainda uma “gordura” importante oriunda do *impairment* de R\$ 930 milhões realizado no 3T25, que não foi integralmente consumida e funciona como um *downside protection* para os resultados futuros, reduzindo o risco de revisões negativas. Além disso, o curto prazo segue favorável: os preços de seminovos permanecem comportados, a demanda por aluguel segue saudável, a dinâmica de margens - com repasses de preço e cortes de custos - parece positiva, e *feedbacks* recentes de concorrentes, como a Movida, indicam um 4T25 com bom nível de preços e utilização, reforçando a visão construtiva para o operacional da cia para os próximos trimestres.

Por fim, do ponto de vista de *valuation*, a assimetria ainda nos parece atrativa. A Localiza negocia a múltiplos abaixo do que entendemos como justo e abaixo de seus patamares históricos, mesmo quando ajustados pelo maior custo de capital estruturalmente observado nos últimos anos. Com a perspectiva de queda de juros, a companhia tende a se beneficiar de forma relevante, tanto pela redução das despesas financeiras quanto pelo impacto positivo no próprio negócio, uma vez que a diminuição do custo de capital - após a recomposição do ROIC spread - é crucial para melhorar o *affordability* do aluguel. Esse movimento deve ocorrer à medida que a pressão por novos repasses de preços arrefecer, permitindo a retomada do crescimento de volumes nas divisões do Fleet e, principalmente, do RAC. Assim, a combinação de recuperação gradual de retornos,

crescimento consistente de *earnings*, potencial de *re-rating* de múltiplo e um cenário operacional de curto prazo mais positivo sustenta nossa visão otimista com a tese e reforça a convicção na posição, mesmo após a boa performance recente das ações.

Contribuições Negativas no Trimestre

Grupo Mateus	-2,8%
Hapvida	-2,5%
Rumo	-0,6%

O Grupo Mateus foi uma das piores contribuições de performance do fundo no trimestre. A forte queda da ação no 4T25 reflete, principalmente, dois fatores. O primeiro, e de longe o mais relevante, foi a divulgação de um ajuste contábil significativo nos estoques da companhia, com revisão superior a R\$ 1 bilhão relacionada à reescrita do kardex e à maior rastreabilidade dos saldos históricos. Esse evento deteriorou a confiança do mercado em relação à companhia e trouxe questionamentos legítimos sobre governança e controles internos. Apesar de não ter impacto de caixa, o ajuste afetou lucro contábil e margens reportadas, amplificando a reação negativa dos investidores e levando a um processo de desancoragem das projeções à frente, uma vez que o histórico estava contaminado por uma contabilização inadequada de custos e o próprio 3T25 foi fortemente poluído por diversos efeitos *one-off*. O segundo fator foi a continuidade de um ambiente de vendas mais desafiador para o setor de atacarejo, com SSS pressionado ao longo do trimestre: nos estados do Nordeste onde o Mateus atua, o setor apresentou queda de 1,4% nas vendas mesmas lojas no 3T25, enquanto o Mix Atacarejo - bandeira de *cash & carry* da companhia - registrou retração de 0,9%.

Reconhecemos que o curto prazo segue desafiador e que o episódio dos estoques elevou o nível de incerteza em torno da companhia. Ainda assim, entendemos que o ajuste tem natureza predominantemente contábil e retrospectiva, associado à evolução de sistemas e processos, e não a problemas estruturais de operação ou a qualquer indício de fraude. A companhia avançou de forma relevante na implementação de controles mais robustos, com inventários mais frequentes, maior integração entre as áreas fiscal, operacional e financeira e o suporte de consultorias externas, o que reduz substancialmente a probabilidade de novos ajustes de magnitude semelhante à frente. Do ponto de vista operacional, apesar do cenário de consumo mais fraco, o Grupo Mateus segue ganhando participação de mercado em sua região *core* e mantém disciplina na expansão, com projetos que continuam apresentando TIRs atrativas mesmo em um ambiente mais adverso.

Por fim, é inegável que o momento operacional de curto prazo não é favorável e que a reconstrução da credibilidade junto ao mercado tende a ser um processo gradual. Ainda assim, ao abstrairmos os ruídos de curto prazo e analisarmos a margem de segurança implícita no preço atual da ação, entendemos que a assimetria do investimento se mostra bastante atrativa. Para nós, o grande ponto será a companhia demonstrar sua capacidade de operar com margens saudáveis após esse ajuste - ponto central para a avaliação e dimensionamento da posição, sendo que nós temos bastante confiança de que isso é factível, com base em conversas com diversos *stakeholders*, no histórico de execução operacional e na posição de dominância nos estados em que atua há mais tempo. A quase desistência do mercado em relação ao papel nos parece, portanto, menos um reflexo de deterioração estrutural do negócio e mais uma oportunidade de geração de valor.

Ademais, os fundamentos qualitativos da companhia permanecem intactos: o Grupo Mateus construiu uma posição competitiva sólida em sua região de origem - Maranhão, Pará e Piauí - e acreditamos que há espaço para replicar esse modelo nos demais estados do Nordeste, sendo que a junção com o Novo fortalece ainda mais a presença no grupo em importantes estados como Pernambuco e Paraíba. Esse movimento deve sustentar um crescimento relevante de resultados, com EPS CAGR estimado de cerca de 15% nos próximos três anos, ao mesmo tempo em que a companhia melhora seus retornos por meio da otimização do capital de giro e da diluição gradual da estrutura nas novas regionais conforme as lojas amadurecem. Além disso, trata-se de um operador de alta qualidade, com cultura forte e execução comprovada: entre os 30 maiores varejistas alimentares do país, o Grupo Mateus se destaca pela produtividade, com seu formato de *cash & carry* apresentando desempenho mais de 20% superior ao de Assaí e Atacadão no Maranhão. Em um contexto em que a ação negocia a múltiplos significativamente deprimidos, tanto no absoluto quanto no relativo, entendemos que o mercado precisa um cenário excessivamente adverso, abrindo espaço para uma recuperação relevante de valor ao longo do tempo.

A Hapvida foi a segunda maior detratora de performance do fundo no 4º trimestre, especialmente por conta da reação do mercado com relação aos resultados do 3º trimestre, que foram muito abaixo das expectativas do mercado em todas as linhas – da receita à geração de caixa.

Mais do que explicar a performance da ação, cabe tomar este espaço para avaliar o futuro da companhia e averiguar se faz sentido mantermos nossa posição. Dentre os fatores que levaram a uma performance operacional tão ruim no 3º trimestre, destacam-se três principais. Em primeiro lugar, observou-se uma pressão sazonal acima da média para

períodos equivalentes, típica dos terceiros trimestres, porém mais intensa do que o histórico da companhia indicava, o que elevou os custos operacionais e explica parte do desvio em relação às projeções de mercado. Em segundo lugar, houve problemas de gestão da companhia, com algumas regiões rodando com custos acima do normal por conta de desvios de protocolos e falta de acompanhamento de indicadores operacionais. Por fim, o terceiro fator se refere ao fato de que houve uma adição de capacidade relevante ao longo do ano, o que traz custos fixos que ainda não foram diluídos através da substituição da rede credenciada e adição de novas vidas. Existe também um quarto fator, de menor importância para o trimestre específico em questão, que é a maior competitividade da indústria como um todo dado o bom momento operacional geral, o que dificulta o crescimento de vidas orgânicas da Hapvida.

Tomando esses fatores de forma separada, entendemos que a sazonalidade pior que a média é um fator completamente exógeno e deveria normalizar olhando séries temporais mais longas. Com relação aos problemas de gestão internos, são sem dúvida o ponto mais preocupante, dado o *turnover* de pessoal da companhia, integração de sistemas relevantes feitas nos últimos trimestres e a dificuldade da empresa em manter uma estabilidade operacional. Apesar da leitura negativa, ações parecem já ter sido tomadas para retomada de um patamar normalizado de custo no médio prazo. Por fim, a diluição de custos fixos deveria vir ao longo do tempo, seja com a substituição de custos da rede privada, seja pelo crescimento orgânico, que tem se mostrado mais difícil nesse bom momento dos competidores.

Diante desse cenário, nossa avaliação é de que a empresa está enfrentando fatores endógenos e exógenos que tem pesado no curto prazo, mas que existem diversos *drivers* de normalização de margens que deveriam fazer o resultado operacional ser substancialmente acima do mostrado no 3º trimestre, e nesses cenários enxergamos uma assimetria grande nas ações, dadas as baixas expectativas do mercado para o ativo. Além disso, outro fator que nos dá conforto para carregar uma posição média/pequena no ativo é o fato de, mesmo em cenários de resultado operacional fraco e juro no maior patamar recente, a empresa não queimar caixa.

A Rumo figurou entre as principais contribuições negativas do portfólio no trimestre. Por se tratar de uma companhia alavancada e com um *pipeline* relevante de investimentos a ser executado nos próximos anos, especialmente em função do plano de expansão da malha ferroviária no Mato Grosso, o papel foi impactado negativamente após a divulgação das pesquisas de intenção de voto para as Eleições Presidenciais de 2026, movimento semelhante ao

observado em outras companhias mais sensíveis à dinâmica de juros.

Durante o trimestre, a Rumo reportou os resultados do 3T25, que, assim como no trimestre anterior, apresentaram queda anual nas tarifas de produtos agrícolas na Malha Norte. Esse movimento refletiu um menor volume de exportação de grãos, apesar de uma safra recorde, além de um ambiente tarifário mais desafiador, em função da maior competição com outros modais logísticos. Diante dessa base tarifária e operacional mais fraca, torna-se mais desafiador para a companhia atingir o limite inferior do *guidance* de EBITDA para o ano.

No mês de novembro, destaca-se a eleição do novo Conselho de Administração, com a entrada de membros indicados pela Perfin e pelo BTG Pactual, investidores que ancoraram o *follow-on* realizado na Cosan. Avaliamos esse movimento de forma positiva, dado o histórico consistente de geração de valor desses novos acionistas, bem como a expertise em alocação de capital que podem agregar à companhia, aspecto particularmente relevante diante do robusto pipeline de projetos previsto para os próximos anos. Seguimos construtivos com a tese de investimento.

Apesar de um cenário mais desafiador para tarifas, a Rumo permanece como a solução logística mais competitiva para o escoamento da produção agrícola do Centro-Oeste, um setor com perspectivas estruturais favoráveis, sustentadas pelas vantagens competitivas do Brasil. Entendemos que as bases tarifárias atuais já refletem ajustes relevantes e que a ação negocia com desconto significativo em relação a seus pares internacionais.

Agradecemos a confiança.

Equipe Brasil Capital

Brasil Capital FIC FIF Ações RL - Dezembro 2025

Brasil Capital FIC FIF Ações RL

Classificação Anbima: Ações Livre (CNPJ: 09.577.036/0001-07)

Objetivo: O BC FIC FIF Ações RL é um fundo de investimento que tem como objetivo gerar retornos reais superiores ao custo de oportunidade dos nossos cotistas no médio e longo prazos, investindo em ativos de renda variável.

Política de Investimento: O fundo tem um horizonte de investimento de longo prazo, o que permite uma estreita relação com as empresas investidas e profundo conhecimento dos seus mercados de atuação. As empresas são selecionadas, principalmente, através de critérios fundamentalistas, sempre usando premissas conservadoras e margem de segurança.

Público Alvo: Exclusivamente investidores qualificados, conforme definição da instrução CVM 175/22.

Rentabilidade Mensal

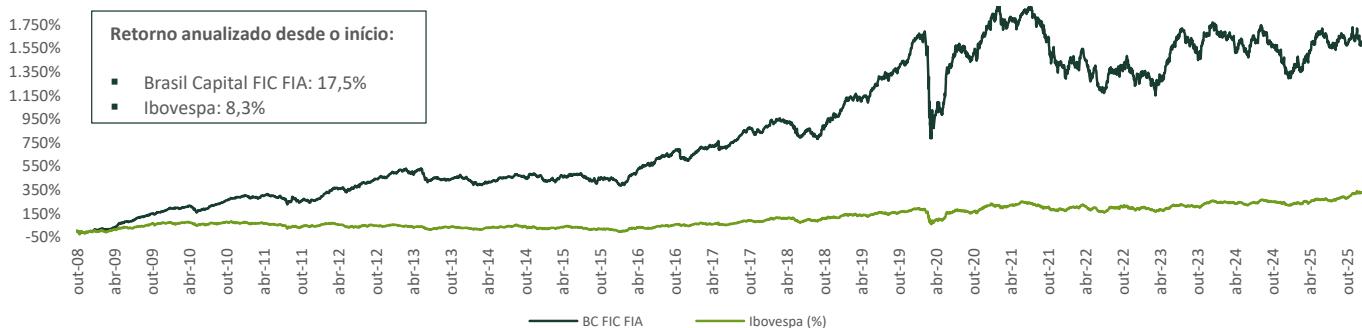
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	12M	36M	60M	Acum.
BC FICFIA	5,1%	-3,1%	6,7%	10,2%	4,0%	-0,1%	-6,1%	3,4%	2,3%	-1,4%	1,4%	-3,0%	19,7%	19,7%	19,4%	-9,1%	1.481,8%
Ibovespa	4,9%	-2,6%	6,1%	3,7%	1,5%	1,3%	-4,2%	6,3%	3,4%	2,3%	6,4%	1,3%	34,0%	34,0%	46,8%	35,4%	294,6%

Rentabilidade Anual

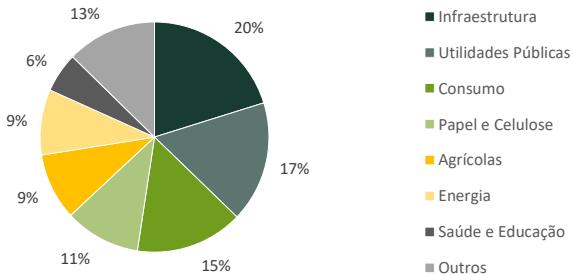
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
BC FICFIA	-0,6%	185,6%	39,0%	-7,7%	62,2%	-5,7%	2,0%	-6,6%	36,6%	34,5%	12,2%	56,2%	1,9%	-19,6%	-5,3%	30,8%	-23,8%	19,7%
Ibovespa	-8,0%	82,7%	1,0%	-18,1%	7,4%	-15,5%	-2,9%	-13,3%	38,9%	26,9%	15,0%	31,6%	2,9%	-11,9%	4,7%	22,3%	-10,4%	34,0%

*Início do Fundo: 13/10/2008

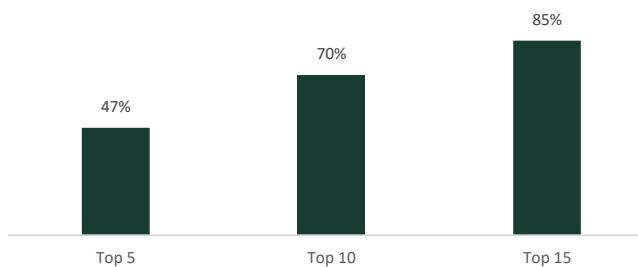
Retorno (%)



Composição da Carteira



Concentração da Carteira



Informações

- Aplicação mínima inicial: R\$ 100.000,00
- Aplicações Adicionais: R\$ 10.000,00
- Cota de aplicação: D + 0 (fechamento)
- Cota de resgate: D + 14 (fechamento) d.u.
- Liquidação financeira: D + 2 da cotização
- Tributação: 15% de IR (sem começos)
- Taxa de Administração: 1,5% a.a.
- Taxa de Performance: 20% do que exceder IGPM+6% ao semestre

- Patrimônio Líquido (R\$MM): 90,0
- Patrimônio Líquido Médio 12 Meses (R\$MM): 108,9
- Patrimônio Líquido Médio Master 12 Meses (R\$MM): 296,1
- Última cota do mês: 15,81804849

Gestor: Brasil Capital • Administrador: BNY Mellon • Custódia: BNY Mellon • Auditor: KPMG
Rua Joaquim Flávio, 960 Cj 51 • São Paulo, SP - Brasil • 04534-004 • Tel: +55 11 5105-0600
 contato@brasil-capital.com • www.brasilcapital.com

A BC Gestão de Recursos não comercializa nem distribui quotas de fundos de investimentos ou qualquer outro ativo financeiro. As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. É fundamental a leitura do regulamento dos fundos antes de qualquer decisão de investimento. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. Os Fundos de Investimento não contam com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Riscos gerais: em função das aplicações do fundo, eventuais alterações nas taxas de juros, câmbio ou bolsa de valores podem ocasionar valorizações ou desvalorizações de suas cotas. Fundos de ações com renda variável podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Categoria ANBIMA: Fundo de Investimento de Ações Outros. Este fundo é supervisionado e fiscalizado pela Comissão de Valores Mobiliários - CVM (Serviço de atendimento ao Cidadão em www.cvm.gov.br). As estratégias de investimento do fundo podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas.

